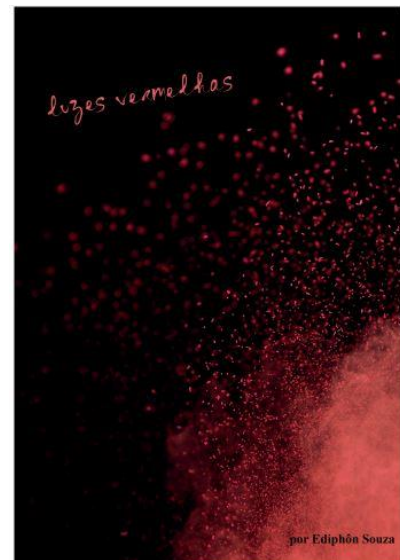


SOUZA, Ediphôn. *luzes vermelhas*.
São Paulo: Viena, 2019.

Rodrigo dos Santos Dantas da Silva*



Ediphôn Souza é mineiro de Nanuque – MG, todavia, mora no Espírito Santo desde a infância. É um jovem professor de inglês negro e graduou-se em Letras Português-Inglês pela Faculdade Multivix, em 2014, e tem especialização na área de Literatura Brasileira. Em 2018 organizou o livro *Olhar marginal: Lacy Ribeiro – Vida e obra*, pela Academia Espírito-Santense de Letras. Palestrou em escolas públicas, privadas e faculdades. Também criou, participou ou organizou projetos como *Lendo na Calçada*, o coletivo *GritArte*, *No quintal dos*

* Mestrando em Letras pelo Instituto Federal do Espírito Santo/Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Ifes/UFRN).

outros, fiz varanda e Parede marginal – este último um compilado de poesias políticas exposto na Biblioteca Estadual do Espírito Santo.

Muitos dos escritos do jovem autor abordam suas experiências ao redor do bairro Maria Ortiz, em Vitória. Mas também podemos ver em sua obra ruas, praias, carnavais e situações que compreendem a região metropolitana capixaba. *luzes vermelhas*, seu livro de crônicas, contos, minicontos e poemas em prosa, foi lançado em 2019 na Biblioteca Estadual do Espírito Santo – em meio ao Viradão Cultural.

luzes vermelhas é uma obra que interpela amor e morte, versa sobre relacionamentos, discorre sobre as relações do cotidiano, critica o capitalismo e o uso exagerado do celular e mídias sociais e sexualidades não hegemônicas são colocadas em tela. É uma obra que trata de racismos, homofobia e relações interracialis. Ediphôn em sua prosa poética com gostinho de dia a dia retrata suas experiências a partir de seu lugar de fala: bicha preta e periférica lutando por existência na capital do estado.

Ediphôn consegue também se apropriar das vivências de outros indivíduos para compor sua obra: além das bichas apaixonadas, temos em “Bekoo sem saída” o garoto gay estuprado pelo próprio amigo; o bissexual festeiro em “Vitorinha”, lésbicas apaixonadas em “Artigos definidos pelo singular”; em “Professora exemplar” uma professora descontrolada, o pai de família provedor e machista em “Pai de família”; em “Balneário” a criança que morre afogada; dentre outras. Percebemos nesta produção literária uma responsabilidade ética, porque parece que Ediphôn se apropria de lugares de fala¹ de pessoas diferentes para representar estas personas, muitas delas pouco visibilizadas pela literatura.

luzes vermelhas tem um caráter híbrido: além das narrativas poéticas, a obra traz em si, em algum momento uma ou outra poesia. Os 27 textos da coletânea são

¹ Segundo Djamila Ribeiro, em sua obra *O que é lugar de fala?* (2017), não é uma questão individual apenas, mas estrutural que autoriza ou nega o acesso à cidadania a alguns sujeitos devido ao grupo social a que pertencem numa matriz de dominação e opressão compreendida pelas relações de poder.

distribuídos em 4 partes: “Luzes vermelhas I”, “Luzes vermelhas II”, “Luzes vermelhas III” e “O fim, quarta parte”. Ediphôn é bem transgressor em sua obra; além do título todo grafado em letras minúsculas na capa, não se importou em paginar a obra ou escrever seus textos dentro de um padrão linguístico. Seguindo a leitura do livro, percebemos uma metalinguagem poética incrível como em “Artigos definidos pelo singular”, tratando a falta de companhia como antônimo de plural, ou em “O “R” do seu nome”, quando diz que “Tudo que eu precisava lhe dizer está na letra “R” do teu nome e na letra “H” do meu”².

A primeira parte do livro, “Luzes vermelhas I”, inicia-se com o poema “Entre a vida e a morte” – uma poesia concreta estruturada em 26 substantivos que se iniciam com “A VIDA/ A BELEZA/ A INVEJA...” e “tomba” com o “O SUFOCO /O ESTUPRO / A MORTE”. A primeira crônica do livro tem o mesmo nome da parte e narra a história de um casal entrando em um noivado. A segunda crônica “Ego à margem da parede” traz a história de uma moça orgulhosa e esnobe, inclusive esta se acha melhor até que sua mãe. Uma “dondoca” que começa a namorar um rapaz ligado aos movimentos sociais, o que desperta na personagem principal uma vontade de também lidar com essas questões, porém, apenas para se ajudar a partir da dor dos outros. Em “Tela preta”, o primeiro casal gay é mostrado e traz suas mentiras, o uso abusivo das redes sociais e como essa prática pode impactar negativamente numa relação afetiva – Ediphôn faz uso de paralelismos dispostos em 4 parágrafos para expor a situação: “Acordo de manhã cedo e a primeira coisa que faço é pegar no meu celular, quer dizer, o celular do meu namorado...” e essa flexão do verbo “acordar” se repete nos próximos 3 parágrafos, em diversos momentos do dia a fim de expor a instabilidade da personagem.

Na narrativa “Bekoo sem saída” mais um casal de meninos é colocado em tela a partir de mentiras: as personagens forçam viver uma independência, mesmo estando numa relação afetiva. O texto trata ainda de um caso de um estupro de

² Ressalta-se a ausência de indicação do número de páginas na resenha, porque o livro não é paginado.

um dos meninos por um amigo do casal. A temática abordada na literatura é verossímil no que se diz respeito à comunidade gay masculina, no entanto, muitas vezes não levada a sério e ignorada até pelas partes envolvidas em casos desse tipo. “Artigos definidos pelo singular” é uma narrativa curta que trata de duas garotas que se conhecem em um carnaval de uma cidade litorânea, possivelmente Vitória, porque o “fervo” da crônica ocorre no centro da cidade, como em nossa capital. O texto “Segundo do teu nome” também trata de relações homoafetivas masculinas e da efemeridade dos relacionamentos contemporâneos, assim como das traições de que muitas dessas relações são compreendidas e a falta de consideração, pois são apenas movidas pelo desejo carnal. A última crônica dessa parte se chama “Fantasma” e aborda uma relação homoafetiva lésbica que terminou; todavia, uma das ex se porta como um fantasma que fica perseguindo a antiga companheira. O enredo termina na Praia da Esquerda, na Ilha do Boi.

Ressalta-se que nessa primeira parte todos os textos foram escritos em 3ª pessoa, exceto “Tela preta”, e toda a parte tende a trazer um olhar crítico às relações afetivas e sua brevidade, assim como as mudanças de postura que as personagens têm diante dessas relações.

A segunda parte, “Luzes vermelhas II”, possui 6 textos curtos e “A varanda” dá início a essa divisão: trata das reflexões de uma narradora negra sobre sua condição de sujeito à margem: “Esse corpo é um incômodo. Incomoda por onde passa devido a sua cor noite, sua altura torre e seu andar samba”. O segundo texto é homônimo ao capítulo e trata de um momento em que duas pessoas se conhecem e se apaixonam. Ediphôn não nos dá muitas pistas se é uma relação homoafetiva entre dois rapazes, mas uma coisa é fato: trata-se de uma relação interracial. Em “Macaxeira”, o autor retrata uma situação muito comum do dia a dia: uma ida à feira. No texto “Três vogais” é narrada mais uma relação interracial: entre dois homens e ocorre no bairro Maria Ortiz. É uma crônica que não trata de amor apenas, mas do fim de um relacionamento: “Mas sei que suas três vogais se foram no próximo dia”.

“Sua solitária consoante” é a crônica a qual vem disfarçada de fábula, onde a pena de um beija-flor interage com a folha de cajá de Dona Joana para nos mostrar que tudo tem seu tempo e que passamos por fases – um texto magnífico, visto que faz uso de alegorias para transmitir um ensinamento. Em “O “R” do teu nome”, o cronista traz reflexões sobre aquilo que vivemos e sentimos, contudo não foi dito. “Pedaladas” fecha essa parte e o autor mostra ao leitor uma personagem que de tanto viver com pressa, aprendeu a contemplar a vida e a natureza ao andar de bicicleta: uma reflexão, trazida por um poema em prosa escrito em 04 linhas, sobre o quão nocivos podem nos ser os dias corridos.

Essa segunda divisão do livro traz ponderações acerca da forma que a rapidez do cotidiano nos faz encarar a vida.

A terceira parte do livro se inicia com a crônica “O primeiro voo”, que narra a viagem de uma personagem masculina juntamente de seu namorado para Ilhéus, na Bahia. O texto funde temas como o medo de voar e a alegria de um pedido de um casamento. “Luzes vermelhas III”, texto com o mesmo título dessa parte, trata da história de uma mulher negra linda: “aquela que poderia ser a modelo mais bem paga e todos os tempos, dada a sua altura, o seu corpo firme, a sua cor noite, ou seus cabelos crespos que monta uma espessa nuvem acima de seu rosto perfeitamente desenhado” e que mesmo sendo linda, sofre com os resquícios de seu relacionamento anterior, todavia, se permite tentar outra vez, entregando-se verdadeiramente à outra mulher.

“Boca fétida”, a partir de metáforas, nos mostra um casal gay que sofre homofobia na madrugada gélida de Vitória por um “grande lixo” que insulta aos rapazes e ainda é aclamado por seus companheiros homofóbicos. “Balneário” é uma das crônicas mais tristes do livro: Ediphôn retrata a vida de um menino de 4 anos, o qual tem o pai preso e a mãe dependente química moradora de uma Cracolândia em São Paulo. O garoto veio com a avó morar em Vitória, a fim de terem uma vida mais tranquila. Aos fins de semana a avó e o neto vão à praia com seus vizinhos – situação rotineira de quem mora em cidade balneária, não seria diferente em Vitória. Uma história narrando singelamente o afogamento de

uma criança que acredita ver a mãe como uma sereia no mar e corre água adentro.

Em “Professora exemplar”, a personagem principal, que é professora, agride um aluno e a coordenação escolar ignora a situação devido à conduta da profissional. Na crônica a vida pessoal conturbada da docente com o marido é evidenciada de modo a indicar como a situação impacta negativamente em seu trabalho. Em “Dia dos Namorados”, além da crítica à data capitalista, é retratado um assalto a uma personagem ao celular em um ponto de ônibus da cidade de Vitória. “Politicagem” é um flerte homoerótico masculino movido pelo desgosto dos cortes na educação básica. A crônica “Pai de família” critica o patriarcado a partir da personagem principal: macho viril que “troca de esposa” e sustenta duas famílias, mas que, no entanto, termina a vida depressivo, tomando comprimidos – por causa de sua condição de ser homem que não chora. O texto “Vitorinha” fecha a terceira parte do livro e a bissexualidade de uma personagem é evidenciada em uma “socialzinha” na cidade de Vitória. Percebemos nessa terceira parte, a partir das experiências das personagens, problemáticas sociais presentes no cotidiano de muitos sujeitos.

A última parte é compreendida por apenas três crônicas curtas que estão interligadas e tratam basicamente da morte: em “Mesa de bar”, texto de dois parágrafos, o autor narra rapidamente o encontro de quatro amigas e expõe ao leitor que uma delas não sobreviveria àquela mesa; em “Âmago” são mostradas as tristezas e desistências dessa moça que possivelmente falece na crônica anterior; e em “Luzes se apagam” alude a um rapaz diante da luz vermelha do semáforo que, aparentemente, fica na faixa esperando o sinal abrir. Na última folha dessa parte temos a frase “A luz ruiva do seu choro o atingiu com força descomunal, como se os braços quisessem se arrebentar”. Esta última parte desenvolve a morte das personagens que possivelmente trazem em si traumas e dores do dia a dia.

O símbolo utilizado como título da obra e de crônicas que a compõem, as luzes vermelhas, metaforicamente podem ser compreendidas ora como o amor, ora

com a vida. É o que podemos deduzir ao ler as crônicas “Luzes vermelhas I”, “Luzes vermelhas II” e “Luzes vermelhas III” respectivamente: em I) “Ele olha para ela, com uma calma no coração que há muito tempo já não sentia e assim ele via pela primeira vez a luz vermelha”; em II) “[...] e ao acender da luz, um forte clarão vermelho me cega por instante e ao me recuperar, avalio aquele espaço de cheiro brisa e me pego querendo descrever cada pedaço no meu caderninho de anotações, mas guardo na memória, prevendo que algum dia nunca mais veria aquele quarto de novo ou sentiria o que senti ao ver pela segunda vez a luz vermelha”, e em III) “Elas se viram pela primeira vez no espelho através dos olhos da outra e perceberam que a luz vermelha cai muito melhor sobre a pele preta”. Na última parte do livro, em “Luzes se apagam”, estas que se acabam, são a própria vida.

Crônica é um gênero textual que traz temáticas do dia a dia em narrativas curtas, e Ediphôn faz isso em *luzes vermelhas* – reforçando um discurso contemporâneo por meio de suas escrituras³ ou das experiências de indivíduos ora com sexualidades não hegemônicas, ora de classes sociais não privilegiadas. O artista aborda temáticas de fundo social, tais como racismo, assaltos, depressão, vício em celular ou redes sociais, homofobia, violência sexual, machismo e o cotidiano estressante de professores e professoras – e faz essa abordagem a partir de situações do cotidiano, experiências vividas por sujeitos marginalizados socialmente ou por meio de alegorias ou metáforas da vida.

Referências

EVARISTO, Conceição. *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. 1996. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Programa de Pós-

³ Termo criado por Conceição Evaristo (1996), em sua dissertação de mestrado, que consiste na escrita a partir das experiências que o autor obtém ao longo de sua vida.

graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

Recebida em: 27 de fevereiro de 2020.
Aprovada em: 10 de maio de 2020.